

ATIVIDADE CRIADORA E DIFERENÇAS CULTURAIS

Christine Garrido Marquez

Modalidade do Trabalho: Pôster

GT: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

Resumo:

O presente estudo é uma reflexão teórica sobre a atividade criadora e nas diferenças culturais baseado nas investigações de Vygotsky (1987, 1999). A atividade criadora está ligada ao contexto histórico, familiar, cultural, social, educativo, à riqueza e diversidade das experiências vivenciadas pelo homem.

Palavras-chave: Educação; Atividade criadora; Imaginação.

Introdução

Cantiga da babá
Cecília Meireles

*Eu queria pentear o menino
como os anjinhos de caracóis.
Mas ele quer cortar o cabelo,
porque é pescador e precisa de anzóis.*

*Eu queria calçar o menino
com umas botinhas de cetim.
Mas ele diz que agora é sapinho
e mora nas águas do jardim.*

*Eu queria dar ao menino
umas asinhas de arame e algodão.
Mas ele diz que não pode ser anjo,
pois todos já sabem que ele é índio e leão.*

*(Este menino está sempre brincando,
dizendo-me coisas assim.
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,
um anjo que troça de mim.)*

O motivo para iniciar esta reflexão com a poesia *Cantiga da babá* de Cecília Meireles, é o fato de a poetisa ter sido professora e amar a palavra, brincar com ela, fazer ciranda com os sons, entrelaçar os fatos com rimas ingênuas, musicar o pensamento. Ao ler o poema, percebe-se a presença do adulto que cria um sonho

para ser vivido pela criança: ser anjo; enquanto a criança recria o sonho, sonhando... fantasiando... construindo o seu mundo imaginário. Porém, é interessante observar como a autora acredita nesse mundo fantástico, pois viveu sua infância com a avó e a babá que lhe narravam inúmeras histórias levando-a a viajar por mundos inimagináveis, incríveis, povoados de mistérios e sonhos. Como poetisa, ela entra na brincadeira da criança, joga com ela, alimentando a sua fantasia interior e a da criança, estabelecendo uma relação lúdica entre a imaginação e a linguagem escrita.

O poema é um texto literário rico, cheio de emoções, de sentimentos, de conhecimentos, de imaginação e criatividade que conduz aos misteriosos labirintos da linguagem figurada, a qual é apropriada pelo ser desde a infância, quando ele gesticula, rabisca, desenha, brinca, fala, escreve e cria.

O presente trabalho é uma reflexão teórica sobre a atividade criadora e diferenças culturais baseado nas pesquisas científicas de Vygotsky (1987, 1999). A atividade criadora depende da riqueza e diversidade das experiências vivenciadas pelo homem, e do seu contexto histórico, familiar, cultural, social, educativo.

Atividade criadora e diferenças culturais

Em seus estudos sobre os aspectos da atividade psíquica do homem, Vygotsky (1999, p. 107) diferencia a imaginação das demais formas de atividade psíquica humana: “a imaginação não repete em formas e combinações iguais impressões isoladas, acumuladas anteriormente, mas constrói novas séries, a partir das impressões anteriormente acumuladas”. O fundamento básico da atividade de imaginação é que o novo, inexistente anteriormente, interfere na construção e no desenvolvimento de novas impressões, resultando em novas imagens.

A atividade criadora é definida por Vygotsky como “cualquier tipo de actividad del hombre que cree algo nuevo, ya sea cualquier cosa del mundo exterior producto de la actividad creadora o cierta organización del pensamiento o de los sentimientos que actúe y esté presente solo en el propio hombre” (1987, p. 5).

O autor (1987) distingue dois tipos fundamentais de proceder observado na atividade humana: a atividade reprodutora e a atividade criadora ou reconstrutiva. Na *atividade reprodutora* o homem reproduz ou repete imagens vividas anteriormente, normas de conduta formadas ou revive as marcas das impressões anteriores, guardando uma estreita relação com a memória. A *atividade criadora ou reconstrutiva* é resultante da criação de novas imagens ou ações, não sendo a

reprodução das impressões ou ações vivenciadas em suas experiências anteriores. O cérebro humano é o órgão que, além de conservar e reproduzir as experiências anteriores, combina, transforma e cria a partir dos elementos destas experiências novas ideias e nova conduta. O fundamento de toda atividade criadora é a imaginação, que se manifesta em todos os aspectos da vida cultural, possibilitando a criação artística, científica e técnica. Todos os objetos da vida cotidiana, tudo o que nos rodeia, que não é criação da natureza, é produto da imaginação e da criação humana baseada na imaginação. A base da criação é a habilidade de organizar os elementos, de combinar o velho com o novo.

A análise psicológica da atividade criadora indica, de acordo com Vygotsky (1987), sua grande complexidade: surge lenta e paulatinamente, se desenvolve partindo das formas mais simples para as mais complexas, em cada faixa etária expressasse de forma particular e tem sua forma própria de criação. A imaginação não é um entretenimento festivo do pensamento, mas sim uma função vital e necessária, daí a importância de compreender o mecanismo psicológico da imaginação e da atividade criadora tão ligada a ela, partindo da relação existente entre a fantasia e a realidade na conduta do ser humano.

Dentre as formas de relação entre a atividade da imaginação e a realidade destaca-se: toda criação da imaginação se estrutura com elementos tomados da realidade, conseqüentemente, a atividade criadora depende da riqueza e da diversidade da experiência anterior do homem, quanto mais rica a experiência, mais rica deve ser, em iguais condições a imaginação; e a experiência se apoia na imaginação, isto é, a imaginação adquire uma função importante na conduta e no desenvolvimento do homem, por meio da ampliação de sua experiência, porque lhe permite imaginar aquilo que não conhece e representá-lo mediante o relato de outra pessoa e da descrição do que em sua experiência pessoal direta não houve lugar.

Em seus estudos, Vygotsky (1987) pontua uma dependência mútua entre a imaginação e a experiência: se na primeira forma a imaginação se apoia na experiência, na segunda a própria experiência se apoia na imaginação. Neste contexto, conclui pedagogicamente

sobre la necesidad de ampliar la experiencia del niño si queremos crear bases suficientemente sólidas para su actividad creadora. Mientras el niño más haya visto, escuchado y vivido; mientras más conozca, asimile y mayor cantidad de elementos de la realidad tenga en su experiencia, más

importante y productiva, será la actividad en su imaginación, en otras condiciones (VYGOTSKY, 1987, p. 12).

A criação é um processo articulado historicamente, de maneira que toda forma seguinte está determinada pela forma precedente, isto é, todo inventor é sempre fruto do seu tempo e do seu meio, sua criação nasce das necessidades geradas anteriormente e se apoiam nas possibilidades do momento, gerando uma estreita relação entre o desenvolvimento histórico da técnica e da ciência. De acordo com Vygotsky (1987), é necessário assinalar

la extraordinaria importancia que tiene el cultivo de la creación en la edad escolar. El hombre conquista el futuro mediante la imaginación creadora; la orientación hacia el mañana, la conducta que se apoya y parte de esse futuro, es la función principal de la imaginación. Ya que la orientación educativa fundamental del trabajo pedagógico consiste en la dirección de la conducta del escolar siguiendo la línea de su preparación hacia el futuro, el desarrollo y la ejercitación de su imaginación constituyen una de las fuerzas principales en el proceso de realización de este objetivo. La formación de una personalidad creadora proyectada hacia el futuro es preparada por la imaginación creadora encarnada en el presente (1987, p. 76).

Se a atividade criadora é fruto da experiência, da imaginação, do intelectual, do emocional e do meio social, ao longo da história universal observa-se uma distribuição desproporcional dos inventores, criadores, inovadores nas diferentes classes sociais. Para Vygotsky:

Las clases privilegiadas brindan un porcentaje infinitamente mayor de inovadores científicos, técnicos y creadores artísticos, porque precisamente en estas clases están presentes todas las condiciones que son necesarias para la creación.

Habitualmente - dice Ribot - se habla tanto del vuelo libre de la imaginación, de la omnipotencia del genio, que se olvidan de las condiciones sociológicas (sin hablar de otras) de las cuales a cada paso depende lo uno y lo outro. Por muy individual que sea cualquier creación siempre incluye el coeficiente social. En este sentido, ninguna invención será personal, en el puro significado de la palabra, en ella siempre queda algo de colaboración anónima (1987, p. 26).

Diante das afirmações de Vygotsky, reportamo-nos ao artigo de Pierre Bourdieu (1998) intitulado *A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura*, no qual retrata as funções escolares de reprodução cultural e de conservação social, desmontando os mecanismos através dos quais o sistema de ensino transforma as diferenças iniciais – a herança cultural transmitida pela família – em desigualdades do destino escolar. Bourdieu afirma:

Com efeito, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Em outras palavras, tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura (1998, p. 53).

E acrescenta:

No centro da definição mais tradicional de cultura está, sem dúvida, a distinção entre o conteúdo da cultura (no sentido subjetivo da cultura objetiva interiorizada) ou, se se quiser, o saber, e a modalidade característica da posse desse saber, que lhe dá toda a significação e todo o valor. Aquilo que a criança herda de um meio cultivado não é somente uma cultura (no sentido objetivo), mas um certo estilo de relação com a cultura que provém precisamente do modo de aquisição dessa cultura. A relação que um indivíduo mantém com as obras da cultura (e a modalidade de todas as suas experiências culturais) é, portanto, mais ou menos 'fácil', 'brilhante', 'natural', 'laboriosa', 'ádua', 'dramática', 'tensa', segundo as condições nas quais ele adquiriu sua cultura; a aprendizagem osmótica na família favorecendo uma experiência de 'familiaridade' (fonte da ilusão carismática), que a aprendizagem escolar não poderia jamais fornecer completamente. Vê-se, assim, que, ao colocar a ênfase na relação com a cultura e ao valorizar o estilo de relações mais aristocrático (a facilidade e o brilho), a escola favorece os mais favorecidos (BOURDIEU, 1998, p. 55).

As conclusões de Vygotsky e Bourdieu nos remete a alguns questionamentos: que orientações culturais e simbólicas encontram-se presentes ou são constituintes das políticas do Ministério da Educação para a educação brasileira; quais e como são construídas as orientações simbólicas; que espécie de visão social e noção de cultura subjazem as afirmações presentes nos discursos sobre direito internacional de cada criança tem direito a uma identidade cultural; como essa identidade é concebida como singular e exclusiva, e que ordem de prioridades são reconhecidas nos casos em que várias formas de identidade cultural se confrontam; qual o arbitrário cultural inculcado; como assegurar que a educação cumpra seu papel social e cultural diante da heterogeneidade das populações infantis e das contradições da sociedade; como educar as crianças de maneira a considerar seu contexto de origem, sua cultura, seu desenvolvimento e o acesso aos conhecimentos, direito social de todos?

Nesta reflexão não nos propomos a responder essas questões, mas nos sentimos comprometida com elas e com o questionamento da sociedade contemporânea, do mundo atual, da infância de hoje.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação**. Petrópolis : Vozes, 1998.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo : Martins Fontes, 1999.

_____. **Imaginación y creación en la edad infantil**. 2. ed. Habana : Editorial Pueblo y Educación, 1987.